



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO TÉCNICO, MÉDIO E EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MARIA DO DESTERRO EGÍDIO

A EDUCAÇÃO QUE LIBERTA NA CONCEPÇÃO DE PAULO FREIRE

MONTEIRO – PB

2014

MARIA DO DESTERRO EGÍDIO

A EDUCAÇÃO QUE LIBERTA NA CONCEPÇÃO DE PAULO FREIRE

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em *Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares*, da Universidade Estadual da Paraíba, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Orientador: Me. Otacílio Gomes da Silva Neto

**MONTEIRO-PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

E28e Egídio, Maria do Destêro
A educação que liberta na concepção de Paulo Freire
[manuscrito] : / Maria do Destêro Egídio. - 2014.
31 p. : il.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.

"Orientação: Profº Otacilio Gomes da Silva Neto,
Departamento de UEPB".

1. Educação. 2. Humanização. 3. Mudança Social. I. Título.

21. ed. CDD 370

MARIA DO DESTERRO EGÍDIO

A EDUCAÇÃO QUE LIBERTA NA CONCEPÇÃO DE PAULO FREIRE

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em *Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares*, da Universidade Estadual da Paraíba, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Aprovado em: 19/07/2014.

Otacílio Gomes da Silva Neto

Prof. Otacílio Gomes da Silva Neto
Orientador

Prof. Victor Macedo Pereira
Examinador

Grygena S.T. Rodrigues

Profª. Grygena dos Santos Targino
Examinadora

Dedico este trabalho aos meus filhos queridos Daniel e Danyelle, por eles busquei força e inspiração.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me permitir força e coragem para realizar este trabalho.

Aos meus pais que sempre me deram força e incentivo para que eu sempre estudasse.

Aos amigos que fiz no decorrer desta jornada.

Aos Professores, grandes mestres que compartilharam comigo os seus conhecimentos.

O desenvolvimento de uma consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente. Na medida em que os homens, dentro de sua sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora.

(Freire)

RESUMO

Essa monografia tem por objetivo analisar as contribuições político-pedagógicas de Paulo Freire para a educação brasileira. Pretende-se partir de uma concepção do homem como o próprio autor apresenta em obras como “Educação e mudança” (2006), enquanto agente de transformação social via educação, para compreender a sociedade, já que não podemos separar o homem do seu ser social, ou seja, do meio em que vive. Partindo desses pressupostos, procura-se também nesse trabalho, abordar o método Freire, descrevendo suas etapas e ressaltando o seu pensamento revolucionário, que institui uma nova relação entre educador e educando, conforme o livro “Conscientização: teoria e prática da libertação” (2006). Enfim, trata-se das contribuições pedagógicas de Paulo Freire para a sociedade brasileira, abordando as bases para a educação libertadora em contraposição a uma educação bancária com velhos métodos arcaicos e manipuladores, conforme a “Pedagogia do Oprimido” (2011).

Palavras-Chave: Ser humano – Sociedade – Educação

ABSTRACT

The objective of this monograph is to analyze the political-pedagogical contributions of Paulo Freire to Brazilian education. It pretends to part from a conception of man, as the author himself presents it in works like "Education and change" (2006), as agent of social transformation through education, to understand the society, because we can't separate man from his social self, i.e., from the environment where he lives. Parting from these presuppositions, the study approaches the Freire method, describing its steps and highlighting his revolutionary ideas, that establish a new relationship between educator and student, in accordance with the book "Conscientization: theory and practice of liberation" (2006). Altogether, it presents Paulo Freire's pedagogical contributions to the Brazilian society, approaching the bases for the education of liberation in contraposition to a banking education with old, archaic, manipulating methods, as described in "Pedagogy of the Oppressed" (2011).

Key words: Human being – Society – Education

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I	Humanização e educação.....	14
CAPÍTULO II	A educação e o processo de mudança social.....	19
Capítulo III	Educação e humanização.....	23
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
	REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

O tema da presente monografia tem como ponto central as ideias de Paulo Freire e suas contribuições político-pedagógicas para a educação brasileira. Destacamos o problema da humanização e suas implicações na educação e na sociedade, já que para o nosso educador, humanização, sociedade e educação não podem ser tratadas de forma dissociadas.

Escolhemos trabalhar a obra de Freire, por ele ser um autêntico intelectual que busca uma sociedade mais justa e libertadora, por meio de uma educação problematizadora a partir de uma concepção abrangente de ser humano.

Assim, o primeiro capítulo da monografia irá abordar o ser humano, que na visão de Freire é o elemento chave de todo o processo de mudança social capaz de transformar a sociedade de forma significativa através do seu pensar, e do seu agir, tornando-o um ser ativo porque não dizer protagonista que visa uma sociedade aberta e verdadeiramente democrática.

Nesse aspecto, a educação tem um papel fundamental por ser capaz de libertar ou domesticar o ser humano, a depender do tipo de educação que determinada sociedade ou segmento social utiliza. Isso implica numa concepção política de educação essencial para emancipar o ser humano e, conseqüentemente a sociedade na qual ele está inserido.

Desse modo, no segundo capítulo trataremos da sociedade, e mais particularmente da sociedade brasileira que como afirma o autor: é uma sociedade em transição por estar saindo de uma sociedade “fechada” ainda marcada pelo nosso colonialismo predatório, para uma sociedade “aberta” na qual permite-se a discussão que envolve a liberdade e a participação sócio-democrática. Uma sociedade que predomina a atitude crítica, capaz de mobilizar multidões para o verdadeiro exercício de luta social, fugindo de otimismo ingênuos e falsos idealismos.

Uma sociedade que com o decorrer do tempo começou a rebelar-se diante de um peso das elites dominantes que atuavam de forma paternalista para ludibriar ou pelo menos de forma parcial, manipular a sociedade, no que se refere a população mais carente. Sem uma educação libertadora, as elites condenam a maioria desprivilegiada ao esquecimento e à miséria.

O terceiro capítulo irá mostrar a importância de se diferenciar uma educação que oprime “bancária”, para uma educação que liberta “problematizadora”. Isso corrobora com uma mudança na forma de educar, que conforme afirma Freire em sua obra

“Educação como prática da liberdade” deve oferecer aos educandos móveis favoráveis para a sua integração e libertação.

Inspirados na obra de Freire, podemos afirmar que precisamos de uma educação corajosa que inspire o homem a pensar, criar novos ideais democráticos e não se limite a receber falsas ideias advindas de um estado opressor, formado por suas elites predatórias. A educação deve ser acima de tudo uma busca de realizações, de mudanças de atitudes e de hábitos, na busca de uma constante participação e transformação social.

Assim, o que se pretende neste trabalho é apresentar os pressupostos revolucionários da pedagogia Paulo Freire, pensando e repensando as possibilidades levantadas, por ele no intuito de mudar a história da educação dos países e comunidades marginalizadas, numa visão realista e engajada e profundamente amorosa e esperançosa.

CAPITULO I

Humanização e educação

Para Freire, não é possível fazer uma autêntica análise sobre educação e suas relações com a sociedade se prescindirmos de uma reflexão sobre o ser humano, conforme a obra: “Conscientização: teoria e prática da libertação”:

Para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto a quem queremos educar (ou melhor dito: a quem queremos ajudar a educar-se). Faltando uma tal reflexão sobre o homem, corre-se o risco de adotar métodos educativos e maneiras de atuar que reduzem o homem à condição de objeto (Freire, 2006, p.38).

Não é tão fácil separarmos através do método de análise esses três conceitos, como se um não tivesse nada a ver com os outros. O próprio Paulo Freire não separa a análise do homem, da análise sobre a sociedade ou da educação. Porém, para uma melhor clareza de cada conceito, estabelecemos nesses três capítulos desse trabalho uma ênfase maior destinada a cada conceito. Assim, nesse primeiro capítulo, o nosso foco é o ser humano, ainda que para falar sobre ele tenhamos que falar também sobre a sociedade e a educação.

São as exigências e dificuldades impostas aos homens que os colocam em movimento inspirando-os a atitudes inovadoras diante dos problemas que a vida os impõe. Diante das adversidades impostas, os homens se veem diante da acomodação ou rebeldia, conforme a obra: “Educação como prática da liberdade”:

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura (Freire, 2011, p.39).

Nessa obra, Freire nos mostra que o homem trava com o mundo um conjunto de relações nas quais ele não apenas está no mundo, mas com o mundo. Ele passa a executar tarefas que envolvem a pluralidade, a criticidade, a transcendência. Realizando tarefas desafiadoras uma vez que na realidade o ser humano deve não acomodar-se diante dos desafios e sim integrar-se e transformar-se no meio social. Isso o obriga a dar respostas às tarefas desafiadoras, pois, como vimos a realidade impõe ao ser humano dificuldades que o leva a se acomodar diante dela, ou se integrar a mesma, segundo a obra: “Conscientização: teoria e prática da libertação”:

Uma das características do homem é que somente ele é homem. Somente ele é capaz de tomar distância frente ao mundo. Somente o homem pode distanciar-se do objeto para admirá-lo. Objetivando e admirando – admirar se

torna aqui no sentido filosófico – os homens são capazes de agir conscientemente sobre a realidade objetivada (Freire, 2006, p.29).

Para Paulo Freire há pessoas que diante dos desafios se acomodam. E há outras que se integram. Nesse aspecto a uma diferença entre acomodação e integração. A integração ao seu contexto não deve ser interpretado apenas em estar nele, mas com ele. Isso implica a uma não acomodação ou ajustamento, sintoma de sua desumanização.

Implica que tanto a visão de si mesmo como no mundo não pode ser simplista fazendo-o sentir-se um ser massificado e alienado, levando-o a reflexões ingênuas sobre si mesmo, os outros e a realidade. A sua integração o enraíza. Daí que a massificação implique no ajustamento do homem frente à história.

Nesse aspecto, Freire vê certa duplicidade no homem: alienado, acomodado, manipulado, de um lado, livre, integrado, rebelde, do outro. Isso implica na utilização do método dialético em sua análise não apenas do homem, mas também da sociedade e da educação. Conforme Bergamo (2010, p.149): palavra de origem grega, “dialética provém da junção das palavras ‘dia’ (através) e ‘légein’ (falar) e seu significado implica o coletivo”.

O fato é que só o ser humano por assim sê-lo é capaz de modificar a realidade, e pode fazer cultura, pode fazer história. É assim que o ser humano faz cultura: “Cultura é todo o resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com outros homens” (Freire, 2006, p.43). Esse “fazer” é dúbio, pois vivendo em sociedade há os protagonistas da história que historicamente na realidade brasileira foram às elites e há os que fazem, mas sob o julgo daqueles que mandam fazer.

Segundo Freire, nesse sentido, o homem não deve ser instrumento de alienação; senão faltar-lhes a marca da liberdade. O homem, ao contrário dos demais animais, não se acomoda, ele vai à luta e muitas vezes essa luta o coloca no meio social ameaçado pela opressão esmagadora, conforme a obra: “Conscientização: teoria e prática da libertação”:

Na medida em que o homem, integrando-se nas suas condições de seu contexto de vida, reflete sobre elas e leva respostas aos desafios que se lhe apresentam, cria cultura. A partir das relações que estabelece com seu mundo, o homem, criando, recriando, decidindo, dinamiza este mundo. Contribui com algo do qual ele é autor... Por este fato cria cultura (Freire, 2006, p.42).

Entendemos que o homem muitas vezes é ludibriado por conta das elites que o manipulam e o dominam de forma a deixá-lo domesticado pela ideologia. Diz o autor que a sociedade brasileira viveu um momento de intransitividade por forças sociais estranhas que a marginalizavam desde o período de nossa colonização. Então, o homem vive e participa das decisões históricas de sua época, fazendo parte das mudanças e das transições da sociedade, ou seja, passando de uma sociedade “fechada” para uma sociedade “aberta”.

A capacidade ontológica do homem também é a de “Ser mais”. Em que consiste essa capacidade? Implica na condição de indeterminação da vida humana. O homem não nasceu determinado por forças estranhas a ele. O futuro é uma possibilidade porque a cada instante o presente pode ser modificado pela força do ser humano. A indeterminação do humano é sinônimo de que o presente pode ser modificado a cada instante. Que a vida não é estática, e o futuro é sempre aberto.

Do mesmo modo, o “Ser mais” implica na inconclusão do humano, bem como no seu inacabamento. Para Freire, não nascemos prontos, estamos nos re-inventando a cada instante, a cada momento: “Pau que nasce torto, morre torto”, diz o velho ditado popular. Mas, não somos madeira, ferro, ou pedra, somos gente. Se somos inacabados, as nossas criações também são inacabadas. Isso inclui a nossa vivência e a nossa cultura.

Não reconhecer nossa vocação ontológica nos torna vulneráveis diante das forças do destino. Os fatalismos que vez ou outra nos atormentam acabam por se impor a nós como única maneira possível de encarar a vida. Dessa forma, que foi oprimido não consegue enxergar outra saída para sua situação e acaba por naturalizá-la, conforme a “Pedagogia do oprimido”:

Os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica de *ser mais*. A reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser do homem (Freire, 2011, p.72).

Se o exercício da criticidade abre o nosso mundo para as mais variadas possibilidades então nada está decidido. Mas, é necessário instigarmos nossa consciência para o conhecimento crítico, nos afastando da curiosidade ingênua. Por curiosidade ingênua, Paulo Freire compreende a curiosidade do senso comum. O nosso autor não despreza o saber das pessoas simples. Ele os re-significa. A curiosidade ingênua é caminho para a curiosidade epistemológica. Não há ruptura entre uma e outra.

Dáí o papel determinante da educação nessa transformação da consciência do homem. A pedagogia freiriana trata da questão da educação que na sua visão deveria ser uma educação crítica e criticizadora, que passasse da intransitividade ingênua para transitividade crítica, porém o que se observa, às vezes é uma reprodução do modo de vida das classes superiores sobre as classes inferiores.

Mas, vivendo o seu exílio no Chile, Freire percebe que a virada histórica estava em marcha. Ele percebia que essas classes inferiores com o decorrer do tempo já começaram a manifestar-se, pois já sentiam a malícia das elites dominantes. Estas se utilizavam de ações paternalistas para mostrar soluções para as questões sociais da população com atitudes despóticas que resultavam em mais e mais exploração.

Ele via que se punha desde já, um problema crucial naquela fase histórica do nosso Brasil. O de conseguir o desenvolvimento econômico como suporte de democracia, de que resultasse a supressão do poder desumano de opressão das classes muito ricas sobre as muito pobres. E de coincidir o desenvolvimento com um projeto autônomo da nação brasileira. Valorizando a educação “dos de baixo”, contra a educação elitizada que servia para reproduzir sua ideologia.

Entendemos que para Freire o processo de formação de uma nova mentalidade já estava em curso nas classes inferiores. Elas precisavam usar a educação e o conhecimento para buscar reformas técnicas e políticas que as favorecessem, trazendo a libertação. A ação das elites deveria ser composta de poder e de deveres para com o povo e não para manutenção de seus privilégios.

A sociedade começava a sofrer alterações profundas e às vezes até conquistas, por isso necessitava de uma nova consciência arraigada a novos processos educativos. Reformas que atingissem a própria organização e a própria estratégia do trabalho educacional para a reformulação das instituições, e que ultrapassasse os limites de uma educação meramente estatal.

Parece-se nos favorável dizer que a educação deveria oferecer ao educando instrumentos de resistência ao “desenraizamento” da sociedade opressora a que se estava filiada.

Freire inspirou o Brasil a pensar numa educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção na realidade para transformá-la. Era preciso advertir aos homens do seu tempo sobre perigos da manipulação e da opressão, para que consciente desses desafios ganhassem força e coragem de lutar, em

vez de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”; submetido às prescrições alheias. Para isso era preciso que se pensasse numa educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispuesse as constantes revisões. À análise crítica de seus “achados”. A certa rebeldia, no sentido humano da expressão em vista do novo, da esperança.

Entendemos que a educação deve transformar o homem em um ser cada vez mais consciente da sua transitividade: e que a essência democrática já lhe é intrínseca e propensa a mudanças.

Precisamos, pois, de uma educação corajosa que leve o homem a pensar, cria nova ideias e não se limite a receber falsas ideias sem que as transforme em benefício social e cultural.

Salientamos, conforme Freire que a educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude e de hábitos antigos, para novos meios de participação e integração social. Esse seria um agir educativo, pois se faltaram condições no nosso passado histórico culturais, que nos sejam no presente dadas condições favoráveis à democratização pela educação com formação desses novos hábitos culturais.

A nosso ver a sociedade brasileira tentou e ainda tenta superar problemas e questões que se formaram desse passado histórico. E hoje nossos educandos buscam desenvolver novas experiências democráticas e a criticidade de sua consciência, indispensável a nossa democratização.

CAPÍTULO II

A educação e o processo de mudança social

Paulo Freire inicia sua análise sobre a sociedade na obra: “Educação como prática liberdade” onde escreve sobre – entre outras temáticas relevantes – da nossa inexperiência democrática e afirma que o Brasil nasceu e cresceu em condições negativas nesse aspecto; diz que nós tivemos uma colonização predatória, exploratória onde interesses eram regidos apenas pela elite colonial.

Dentro desse contexto, a sociedade se formou sem participar das decisões políticas e da vivência dentro dos parâmetros de uma sociedade democrática, tornando-se submissa aos interesses dominantes. Isso acarretou no desenvolvimento de uma cultura da acomodada e do “mutismo”.

Pode-se dizer que nessa sociedade o homem foi sendo esmagado pelo poder, alienado e manipulado incapaz de desenvolver uma consciência transitiva e livre. Nosso passado colonial foi muito para as elites que posteriormente se perpetuaram no poder à custa da alienação e exploração das classes populares. Era por esses anos que já se delineava uma educação segregada: privilegiada para os ricos, negada para os pobres.

O Brasil passou por um período constituído por uma “sociedade fechada”, em que predomina um modelo de subserviência entre metrópole e colônia, em que em terras brasileiras eram divididas entre senhores e servos, conforme Aranha (2006, p.256):

A história do Brasil no século XVI não pode ser desvinculada dos acontecimentos da Europa, já que a colonização resultou da necessidade de expansão comercial da burguesia enriquecida com a Revolução Comercial. As colônias representavam não só maior ampliação do comércio, como também são fornecedoras de produtos tropicais e metais preciosos.

Freire vê a sua época (na década de 60) como um tempo especial, o início da virada histórica a partir do início do rompimento definitivo com o nosso passado colonial. É o tempo da “rachadura” da sociedade brasileira, tempo no qual se pode falar num certo ímpeto popular; ou, seja a voz do povo começa a sair da imersão para emersão.

Sua alienação cultural, de que decorria de sua posição de sociedade fechada consequência da nossa formação foi ponto de perpetuação do poder de nossas elites. Elites distanciadas do povo e sempre superpostas à realidade. Cuidando meticulosamente para que o nosso povo continuasse “imerso” no processo, inexistente, incapaz de decidir sobre sua realidade por si só, e a quem correspondia à tarefa de quase

não ter tarefa. De estar sempre sob o comando de alguém, de seguir determinações, de ser comandado pelos apetites da “elite”, que estava sobre ele.

O assistencialismo era a forma que as elites encontravam para se aproximarem do povo. Freire faz uma crítica severa ao assistencialismo, este torna o homem um ser passivo e sem consciência democrática; pois no assistencialismo não há responsabilidade, apenas gestos de “domesticação” do homem. O Trabalho era espoliado.

Vimos que o destino do homem deve ser criar e transformar o mundo, sendo sujeito de sua ação. Freire afirma que mudança e estabilidade resultam ambas da ação do trabalho que o homem exerce sobre o mundo. Como um ser de práxis, o homem, ao responder aos desafios que partem do mundo, cria seu mundo histórico-cultural.

Entendemos que o mundo histórico-cultural é uma “construção” do homem, e que esse mesmo mundo volta contra o próprio homem; que o deixa impossibilitado de agir contra sua própria “construção”. Acredita-se, pois que o trabalhador social, como homem, deve atuar agir e lutar por mudança ou então do contrário será comodista a favor da permanência e da mesmice dos fatos.

O autor afirma na ação que provoca uma reflexão que se volta a ela, o trabalhador social irá detectando o caráter preponderante da mudança ou estabilidade, na realidade social na qual se encontra. Irá percebendo as forças que na realidade social estão com a mudança e aquelas que estão com permanência.

Entendemos que o trabalhador social, faz sua escolha decisiva no processo de mudança social. Ele está convencido de que se o homem é sujeito e pessoa é livre deve estar associado a um esforço apaixonado e corajoso de transformação da realidade objetiva, na qual se acha coisificado. Entendemos que o homem, como trabalhador social, realiza a mudança num certo momento histórico, isso ocorre por conta das relações humanas que desenvolvem.

Relações desenvolvidas de forma equivocada no processo de colonização na América Latina. Desse modo, não havia nenhuma vinculação dialógica entre estas elites e estas massas. Para estas, restava-lhes somente seguir e obedecer. Contexto na qual também se insere a América Latina, conforme a obra: “Educação e mudança”:

A sociedade fechada latino-americana foi uma sociedade colonial. Em algumas formas básicas de seu comportamento observamos que, geralmente, o ponto de decisão econômica desta sociedade está fora dela. Isto significa que este ponto está dentro de outra sociedade. Esta outra sociedade é a matriz:

Espanha ou Portugal em nossa realidade Latino-americana” (Freire, 2006, p.33).

Então, segundo o autor, uma sociedade pode ser “fechada” ou “aberta”. Na primeira classificação é tirado do homem direitos a discussão de temas que envolvam à liberdade, a democracia, autoridade. Na segunda tornaria o homem um ser participativo, consciente e crítico num contexto de uma sociedade de massa. Obviamente a educação tem um direcionamento diferente nessas duas sociedades.

Através de uma educação libertadora, a sociedade, portanto, começa a deixar de ser alienada, intransitiva, para uma sociedade de aberta e democrática, com pessoas críticas, de olhos e mentes abertos, fugindo de otimismo ingênuos e falsos idealismos. A sociedade sai da condição de imersa para uma postura emersa, participativa, que exige e ameaça as elites detentoras de privilégios. Conforme a obra: “Educação e mudança”:

O desenvolvimento de uma consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente. Na medida em que os homens, dentro de sua sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora (Freire, 2006, p.33).

As sociedades latino-americanas são marcadas pelo modelo de “sociedades alienadas”. O povo, em geral não se reconhece como povo, mas como massa. As nossas elites não se identificam esse povo. Entendemos que estas procuram “imitar”, ou seja, copiar modelos de outras sociedades mais desenvolvidas. Essas sociedades são “mortas” porque buscam seu próprio valor e se apegam a valores alheios.

Paulo Freire percebia que havia sinais em uma sociedade em transição, que podia superar a fase colonial, quando fazíamos parte de um modelo social “fechado” dependente de uma sociedade matriz, ou seja, de sociedade dominante de poder de decisão.

Isso significa para Freire que as sociedades latino-americanas ainda buscam identidade para o seu próprio existir. Um cidadão alienado é um ser inautêntico. Seu pensar não está comprometido consigo mesmo, não se sente responsável ou protagonista da mudança. O ser humano alienado não olha para a realidade com critério pessoal, mas com olhos alheios. Por isso vive uma realidade imaginária e não a sua própria realidade objetiva.

Contudo, através de uma educação problematizadora é possível que as sociedades em transição comecem a abrir os “olhos” para superar seu processo alienado com a descoberta de novos valores. Freire percebia que as sociedades latino-americanas começavam a se inscrever nesse processo de abertura, umas mais que as outras, mas a educação ainda permanecia autoritária. A escola ainda era elitizada, e os pobres a ela não tinham acesso.

Daí o caráter tenso e ambíguo da educação. Ele é bem objetivo na sua opção por uma educação libertadora, conforme citação da obra “Conscientização: teoria e prática da libertação”:

Mais exatamente, para ser instrumento válido, a educação deve ajudar o homem, a partir de tudo o que constitui sua vida, a chegar a ser sujeito. É isto o que expressam frases como: “A educação não é um instrumento válido se não estabelece uma relação dialética com o contexto da sociedade na qual o homem está inserido” (Freire, 2006, p.39).

CAPÍTULO III

Educação e humanização

Uma Sociedade fechada é sinônimo de uma educação que manipula e conserva privilégios. A “educação bancária” foi à fórmula que ele encontrou para criticar esse estado. Uma sociedade aberta é sinônimo de uma educação que liberta e humaniza as pessoas. A educação libertadora foi à fórmula que ele encontrou para servir de modelo para uma nova prática educativa, valorizando o saber popular.

Na educação bancária, o educando recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se depósito dos conteúdos passados pelo educador. Educa-se para arquivar o que se deposita. Mas curioso é que o arquivado é o próprio homem, é que perde assim seu poder de criar, se faz “ser menos”, uma marionete do ensino-aprendizagem. Conforme Oliveira (2006, p.98):

“A *educação bancária* considera a educação como o ato de depositar, de transferir valores e conhecimentos, sendo os educandos os *depositários* e o educador o *depositante* do conhecimento”. É um tipo de educação que reforça a *domesticação* de homens e mulheres, bem como, a *reprodução* das contradições sociais (Oliveira, 2006, p.98).

A educação problematizadora tem como objetivo superar a contradição presente entre educador educando. O conhecimento não é dominado por ninguém sozinho. O processo do ensino-aprendizagem é resultado da interação entre educadores e educando que juntos buscam o sucesso do ensino-aprendizagem, conforme Oliveira (2006, p.98).

A *educação problematizadora* parte da superação da contradição entre educador-educando, estabelecendo o diálogo como forma de comunicação pedagógica indispensável ao conhecimento dos sujeitos em torno do mesmo objeto cognoscível.

A educação não é monólogo, onde um fala e uma maioria escuta consequência do mutismo marcante em nossa sociedade colonial. O direito à voz, participação, questionamento é um direito sagrado e deve nortear todo o ensino-aprendizagem. Uma educação verdadeiramente livre é aquela que incentiva os envolvidos para a participação e compartilhamento de ideias. Conforme Oliveira (2006, p.122):

A educação é compreendida como comunicação, diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos que buscam o conhecimento... a educação tem um caráter libertador porque pressupõe a libertação do ser humano, enquanto sujeito, da adaptação, da alienação, em relação ao

conhecimento e à história. A aula é entendida como ‘encontro que se busca o conhecimento’”.

Na verdade, imbuído pelo espírito da filosofia, Freire é fiel à marca desse rigoroso saber: ninguém sabe de tudo. Afinal, todos estamos à procura do saber, apaixonados que somos pelo conhecimento. É assim que do ponto de vista epistemológico o “Ser mais” se revela. Se agente acha que sabe de tudo, acaba a nossa potência de querer saber mais, movidos que somos pela curiosidade e insatisfação. O saber vira acomodação.

Por outro lado, se diante da impossibilidade de chegar ao conhecimento verdadeiro, nós negamos qualquer possibilidade de continuar procurando-o, nós mesmos caímos no “ser menos”. Arrogância e comodismo são contrário da nossa vocação ontológica de “Ser mais”. Aí a desumanização bate à nossa porta, pois estamos negando as nossas potencialidades, conforme a obra “Ação Cultural para a Liberdade”:

No momento mesmo em que nos aproximamos, criticamente, a este processo e o reconhecemos como um tema, somos obrigados a apreendê-lo, não como um ideal abstrato, mas como um desafio histórico, em sua relação contraditória com a de desumanização que se verifica na realidade objetiva em que estamos. Isso significa que desumanização e humanização não podem ocorrer a não ser na história mesma dos homens, dentro das estruturas sociais que os homens criam e a que se acham condicionados” (Freire, 2011, p.158).

Devemos refletir sempre sobre a nossa existência, para que compreendamos o verdadeiro significado da educação; porque o homem é o núcleo inacabado desse processo contínuo em busca da perfeição.

Educação autêntica: uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugué. Isto obriga a uma revisão total e profunda dos sistemas tradicionais de educação, dos programas e dos métodos (Conscientização: teoria e prática da libertação, 2006, p.45).

A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser objeto dela. “por isso, ninguém educa ninguém”. Para Freire a educação tem caráter permanente; não há seres absolutamente educados. Estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos.

Esses graus começam das análises mais simples para se chegar as análises mais completas sobre a sociedade. É a saída do estado de intransitividade da consciência na qual predomina uma leitura ingênua e simplista da realidade para a criticidade que nos faz realmente alcançar um nível de capacidade humana satisfatória.

O homem, por ser inacabado, incompleto, não sabe de maneira absoluta. O reconhecimento dessa incapacidade o coloca a caminho de novas descobertas, além de um desejo constante de conhecer a vida que o cerca. A educação só leva a humanização se ela conseguir de forma efetiva levar os homens de um estágio a outro, libertando-o das cadeias e amarras da opressão. Conforme a obra: “Conscientização: teoria e prática da libertação”:

.Uma educação que procura desenvolver a tomada de consciência e a atitude crítica, graças à qual o homem escolhe e decide, liberta-o em lugar de submetê-lo, de domesticá-lo, de adaptá-lo como faz com muita frequência a educação em vigor num grande número de países do mundo, educação que tende a ajustar o indivíduo à sociedade, em lugar de promovê-lo em sua própria linha (Freire, 2006, p.40).

Se de início ele nos propõe uma reflexão sobre o homem e uma análise sobre suas condições culturais, enfatizando que não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados, posteriormente ele nos leva a uma reflexão mais crítica e abrangente na qual a educação tem um papel preponderante na transformação da sociedade. O ponto de chegada é o educador comprometido com o processo de mudança social.

O compromisso não seria uma palavra oca, uma abstração, vazia. A intervenção do educador na realidade deve ser envolvida por decisões lúcidas e profundas, capazes de dar vida e esperança aos sujeitos envolvidos no processo do ensino-aprendizagem. O educador não pode ser veículo de reprodução das desigualdades ao fomentar a educação bancária. Ele deve ser veículo de mudança da realidade na qual ele está inserido.

A primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir. A segunda é levar os demais a agir e refletirem sobre os problemas que os cercam. A libertação não é para um indivíduo isolado, mas é para todo o corpo social. Se alguém nesse corpo não é livre, ninguém o é. Conforme a “Pedagogia do oprimido”: “Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais” (Freire, 2011, p.112).

O verdadeiro compromisso é a solidariedade e não a solidariedade com os que negam o compromisso solidário, mas com aqueles que, na situação concreta, se

encontram convertidos em “coisas”. Entendemos que enquanto profissional o homem deve agir e ampliar seus conhecimentos, para formar uma visão crítica da realidade.

Para Freire, o homem alienado, inseguro e frustrado fica mais na forma que no conteúdo; vê as coisas mais na superfície que em seu interior. Fugir da concretização do compromisso é não só negar-se a si mesmo, mas significa negar todo o projeto que visa uma humanização da sociedade. Afinal, uma educação sem esperança não é educação.

O autor afirma que em todo homem existe um ímpeto criador. O ímpeto de criar nasce da inclusão do homem. A educação é mais autêntica quanto mais desenvolve este ímpeto ontológico de criar. A educação deve ser desinibidora e não restritiva. É necessário darmos oportunidade para que os educandos sejam eles mesmos. Se a cada método aplicado os educadores induzem os educandos à inibição por meio de atitudes opressoras, então uma educação que liberta está fadada ao fracasso.

Falar de educação nos dias de hoje é algo complexo, que sobre o qual precisamos refletir. E surgem várias indagações, como por exemplo: estamos realmente desenvolvendo uma boa educação? Qual o verdadeiro papel do educador? Será que a atual educação ainda continua massificadora?

Podemos então tentar encontrar respostas. Para isso precisamos refletir um pouco sobre o passado, quando as escolas tradicionais ofereciam um modelo massificador de educação, sem utilizar métodos que favorecessem o questionamento e a abertura participativa dos educandos.

Era uma educação sem abertura, sem diálogos onde educadores e educandos se distanciavam numa obscura hierarquia. Não havia ofertas adequadas de escola para que os jovens pudessem se matricular com dignidade, nem havia possibilidades de inserção social por meio da educação.

Felizmente, com a transição, tanto econômica, com também social, o que observamos hoje é uma “mudança”, basta lembrar que as escolas passaram a ser ambientes alegres, onde existem uma traça de experiências de diálogos, ou seja, atrativos para os jovens. Apesar disso, muitas dificuldades ainda nos são postas. Conforme Libâneo (2008, p.76-77):

É muito comum as autoridades governamentais fazerem autopromoção mediante discursos a favor da educação, alardeando que a educação é a prioridade, que os professores são importantes etc. No entanto, na prática, os governos têm sido incapazes de garantir a valorização salarial dos professores, levando a uma degradação social e econômica da profissão e a

um rebaixamento evidente da qualificação profissional dos professores em todo o país”.

Assim, não podemos esquecer que a educação precisa melhorar bastante, principalmente em algumas regiões do país. Nessas regiões ainda se observam a falta de espaços físicos, de material educativo e ainda é grande o número de analfabetos, ou semianalfabetos ou crianças em idade escolar, fora da escola, muitas até executando tarefas de adultos. A questão da falta de segurança em algumas escolas, principalmente aonde há os índices de violência vem aumentando dia após dia. Isso retrata a falta de projetos e falta de perspectivas dos jovens que muitas vezes são conduzidos à marginalidades social.

Como fica o papel do educador diante dessa realidade social?

Trabalhamos muitas vezes em situação de risco ou verdadeiro abandono social e econômico. A falta de reconhecimento dos nossos dirigentes muitas vezes levam educadores à desistência da profissão. Alguns conseguem fazer parte da educação durante 25 ou 30 anos, aguardando uma promíscua aposentadoria que irá lhe servir de sustento na velhice.

Pesquisas mostram que vêm aumentando cada vez mais índices de doenças que acometem aos educadores no Brasil, principalmente as psíquicas; então nos questionamos: o que falta na nossa educação?

Seria bom que houvesse novos planejamentos, para aumentar os índices de qualidade social da nossa escola, que fossem oferecidas melhores condições salariais, onde pudéssemos exercer bem o nosso papel de educador.

Apesar da criação de vários projetos do Governo Federal, ainda estamos caminhando a passos de tartaruga. Vejamos, por exemplo, como reduzir os índices de analfabetismo, no Brasil quando ainda existem cerca de 14 milhões de analfabetos?

Convém lembrar que a educação secundária no Brasil vem sendo favorecida por projetos ou programas do Governo Federal, que criou o SISU, o FIES e outros para que os jovens pudessem concluir seu curso superior e ingressar no mercado de trabalho que é bastante concorrido.

Aumentou também o número de vagas nas universidades para a classe média e oportunidades para pessoas negras e deficientes. Mas, ainda há muito a ser feito. Também O que falta na nossa educação, segundo Freire, é o desenvolvimento nos nossos educandos para o gosto pelo hábito da leitura e de descobertas próprias que não

se apeguem somente a uma sonoridade escolar. Que não sejam somente as formas verbosas de representá-la.

Por outro lado, somente de um algum tempo para cá, se vem sentindo a preocupação em nos fazermos identificados com nossa realidade, em caráter sistemático. É a transição.

Essa transição se revela na superação das descrenças do educando no seu poder de fazer, de trabalhar, de discutir; pois a democracia e a educação se fundam ambas, precisamente, na crença no homem.

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. Conforme a obra “Pedagogia da esperança”:

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc. que nos estão condenando a desumanização. O *sonho* é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanentemente na história que fazemos e que nos faz e refaz (Freire, 2011, p.137).

Entendemos que para discutir e debater a educação não devemos fazê-lo a partir de fórmulas prontas. Pelo contrário, devemos proporcionar meios que possibilitem o pensar autêntico nos seus mais diversos níveis e modalidades da educação e do ensino. O sonho pela humanização permanece, mas ele só é possível se adotarmos uma educação que liberta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há como negar a grande importância da obra de Paulo Freire nos âmbitos educacional, social, político, econômico e cultural do nosso país. Isso porque, seu pensamento e postura arraigados a uma postura crítica, revelam revolta e indignação contra uma sociedade injusta e opressora. Paulo Freire, ao implantar o seu método de alfabetização no Brasil, no início dos anos 60, trouxe à tona profundas reflexões sobre questões educacionais, antropológicas, existenciais, provocando tanta ebulição e transformação, que foi considerado subversivo, comunista e perigoso à ordem. Isso resultou em seu exílio, por 16 anos.

Mas para quem poderia ser considerado um fracasso e condenado ao esquecimento foi transformado em prodigiosa experiência prática e produção literária daquilo que tinha sido gerado no Brasil. Freire ganhou reconhecimento, e vitalidade. Voltou ao Brasil para continuar fazendo história, dos trabalhos com a população de base e continuou acreditando na revolução cultural do seu país, tornando-se um ícone da educação brasileira. Paulo Freire foi um homem que realmente ensinou, pois marcou a sua geração, fazendo jus ao significado da palavra educar.

Por tudo isso, a sua obra deve ser lida de forma profunda, discutida, analisada e praticada. As obras de Paulo Freire e suas contribuições à sociedade brasileira devem ser estudados por todos os pedagogos e por todos aqueles que se dizem comprometidos com o desenvolvimento da população brasileira, que em grande parte ainda é pobre, já que lhe foi negada a educação, a cidadania e a vida.

A proposta de Paulo Freire vai muito além de um método de alfabetização bem estruturado, mas pretende através da educação pelo processo de conscientização do homem, torná-lo cidadão, autor e testemunha de sua história. Ele intenciona a mudança do homem pelo próprio homem, uma revolução cultural, sem líderes camufladamente autoritários. Essa revolução só pode ser feita pela classe oprimida e por isso deve estar no centro do processo.

Por fim, é importante ressaltar que depois de ler e estudar importantes obras de Paulo Freire seja ele um estudante, um profissional, ou um cidadão comum, não será mais o mesmo, pois este se tornará um ser consciente de seu papel na sociedade,

responsável pelas mudanças que devem acontecer no seio deste âmbito social político, cultural e econômico.

Diante da bandeira que Paulo Freire ergueu, devemos entender que a verdadeira educação é que liberta a que propõe métodos de mudanças; por isso essa bandeira deve estar sempre hasteada. Que todos os educadores deste país possam fazer uso dessa premissa.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2006.

_____. **História da educação**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BERGAMO, Pedro. **Educação universitária: práxis coletiva em busca de veraz qualidade e de precisa cientificidade**. Campina Grande: Eduepb, 2010.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2003 (Instituto Paulo Freire). FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. 14ª ed. Rio de Janeiro, 2011.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3ª ed. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Educação e mudança**. 29ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo : Paz e Terra, 2009.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: Teoria e prática**. 5ª ed. Goiânia: MF Livros, 2008.